



Mário Castrim, tendo a seu lado a esposa Alice Vieira e atrás a filha Catarina, fotografados por Pedro Foyos, em Loures, na primavera de 1994

MÁRIO CASTRIM

Entrevistado por Maria Augusta Silva

AGOSTO 1992

Polémico. Preserva ideais. Escolheu um pseudónimo que ganhou a força de uma identidade total. Escreveu nas entrelinhas, enquanto linhas sem conta lhe eram cortadas pelo "lápiz azul". Foi, a par de tantos, a consciência de muita gente. Mário Castrim, o Manuel Nunes da Fonseca, nascido a 31 de Julho de 1920, em Ílhavo. Crítico, jornalista e escritor. Militante dos ideais comunistas. Amado por uns, odiado por outros. Admite ter pecados veniais e alguns mortais. Mas

agora não se lembra de nenhum. Continua fiel às suas ideias. Mais sereno, porventura. Respira as palavras e transmite-as como se desse a sua vida em cada pensamento. Tão capaz de ser acutilante como de enamorar-se pelas folhas das mil e uma plantas campestres que guarda entre as páginas das montanhas de livros de que se rodeia. A sua ternura chega a ser desconcertante para quem possa julgá-lo "um poço de veneno". Ao perguntar-lhe se há nele múltiplas personalidades, não hesita: «Desgraçado de quem fosse só aquilo que é!». A entrevista decorre quando Mário Castrim está de regresso à arte literária: *A Caminho de Fátima*, um livro transparente. Ponte entre todas as idades. Enredo onde cabemos todos.

Onde foi buscar o pseudónimo Mário Castrim?

É meu. Só meu. Inventei-o... Foi uma coisa que me passou pela cabeça.

Ninguém se lembra de que se chama Manuel Nunes da Fonseca?

Nem eu próprio. Para a minha mulher, para os meus filhos, sou Mário. Só sou Manuel para a Repartição de Finanças, para a minha família mais antiga e para a Matilde Rosa Araújo.

Quando uma filha se afirma como escritora, fugindo ao nome de uma mãe chamada Alice Vieira e a um pseudónimo com a força de Mário Castrim, para ser apenas Catarina da Fonseca, que sente o pai Manuel Nunes da Fonseca?

Sinto-me vingado. O meu pseudónimo nasceu com o fim de ocultar, o mais possível, a minha identidade. Era inconveniente, às vezes, naquele tempo, mostrar quem éramos.

Medo?...

Não era medo. Era um meio de defesa... para poder atacar.

O inimigo não conhecia essas artimanhas?

Começou a saber quem eu era muito tempo depois de iniciar a crítica. Ao princípio, assinava M.C.

Para se esconder mais?

Não. Era para evitar, em mim próprio, o culto da personalidade.

Quando um autor assina com iniciais estará a minimizar ou a descuidar um trabalho?

Não. É uma questão profissional. Por vezes, não vale a pena pôr o nome em trabalhos mais ou menos de rotina. A sigla é uma espécie de brasão.

Por que têm morrido tantos jornais?

Se lhe desse cem razões, não esgotaria a resposta. Algumas são evidentes. O preço, por exemplo, inflacionado pelos custos de produção.

A inflação sacrifica outros bens...

Pois... Mas um jornal vale dez carcaças. Em muitos lares a alternativa é dolorosa.

E no tão velho "duelo" entre televisão e jornais, as forças do adversário serão bem medidas?

Aí está. Existe a televisão, que é de graça, chega a todo o país e dá às pessoas a ilusão de que estão a ser informadas. E os jornais ainda não souberam dar a volta à televisão. A rádio apregoa a notícia, a televisão mostra a notícia, a imprensa devia aprofundar a notícia. Não é isso que acontece. Basta ler as manchetes, que foram vistas no telejornal da véspera.

Não tarda aí quase uma mancheia de televisões. Prognóstico?

Reservado. Muito reservado. A experiência mostra, em todo o mundo, que *a mais*

televisão corresponde pior televisão.

Contraditório! A concorrência não tende a melhorar a produção?

Há concorrência. Só que a concorrência faz-se por baixo. Suponho que vamos correr esse risco. Mas não juro. Ao nível de informação pode haver melhorias se as privadas recusarem a libré. Mas o Poder tem formas muito sofisticadas de pressão.

A propósito de formas, os seus livros, particularmente os dedicados às crianças, marcaram, de certa maneira, um novo jeito de dizer coisas. Há quantos anos não publicava?

Não sei. Tenho sempre dificuldade em contar os anos. Até para saber a idade, penso no ano em que nasci e faço as contas.

Medo da velhice?

Não. Foi sempre assim. Acho que sou despassarado. Pelo menos é o que diz a minha filha.

Ser despassarado é o quê?... Será ter asas e cortar o tempo e os espaços sem metas calculadas?

É não avaliar o espaço que as asas ainda podem ter para chegar ao fim do tempo.

A morte é um monstro, um susto ou um enigma?

É muito pior que tudo isso. É uma coisa natural.

Lá natural poderá ser, mas ninguém gosta de a pressentir...

Pressenti-la é bom. Podemos lutar contra ela. Podemos dialogar com ela. Habitarmo-nos a ela. Para nos darmos bem.

Por que se fazem promessas a divindades, contra a morte, sendo ela tão natural?

Tudo serve para fazer uma promessa, desde que, com isso, se possa continuar a

viver. Há quem faça promessas, mas os mais pragmáticos fazem negócio. O Fausto, de Goethe, por exemplo...

Nas promessas não está implícito o negócio?

Está. Mas esperem pela volta. O Inferno não foi feito para outra coisa...

Acredita no Inferno?

Acredito. Inferno é pensar que vou ser entrevistado. Purgatório é estar a ser entrevistado. O paraíso é daqui a bocadinho.

Como surge *A Caminho de Fátima* [acabado de publicar] ?

Foi um milagre. A realidade deu-me o impulso que desencadeou a imaginação. Toda a arte participa do milagre.

Quem é esse Mário Castrim que nos fala das realidades e dos milagres?

É ele. Olho muitas vezes para ele e pergunto: *Quem és tu?* Ele responde: *Somos eu.* Cada um de nós é muitos eus...

Há em si múltiplas personalidades?

Desgraçado de quem fosse só aquilo que é.

Fala-me num sentido astral...

Falo no sentido total.

Como ganhou essa dimensão total do homem e do mundo?

Não a ganhei, procuro-a.

O seu novo livro é uma viagem que não se completa, ou por outra, se completa em muitos milagres... Pretendeu destruir o dogma de Fátima?

Isso não é uma pergunta. É uma cesta de perguntas. Vamos por partes. Nem por sombras me passou pela cabeça atentar contra qualquer dogma, a não ser um: aquele que dá a alguém o monopólio dos milagres. Não. Eu acho que o milagre é

mais próprio dos homens do que dos deuses. Ser humano não é tanto fazer milagres como já em si é um milagre. Tudo o mais vem por acréscimo.

Não é um livro contra Fátima?

De maneira nenhuma. Fátima, para além de todo o folclore e negócio à sua volta e, até, para além do seu aproveitamento burocrático, é sobretudo crer em Fátima. E como é que eu posso atentar contra esse ser incorpóreo que é a fé?

Católico?

Que é ser católico? Ir todos os domingos à missa? Confessar-se? Gostar de João Paulo? Não, isso não serei. Se é ser católico dar, como Cristo, prioridade aos pobres, aos oprimidos, aos injustiçados; se é estar como Cristo a combater a riqueza indevida, a hipocrisia e o poder do dinheiro; se é amar a Terra para melhor merecer o céu, então, católico fui, sou e serei.

O comunismo é essa fé?

Olhe, o comunista é aquele que deixou de acreditar na eternidade para acreditar no futuro. O comunista é um cristão para uso quotidiano.

Vocação para mártir?

De mártir e de loucos todos temos um pouco.

Falar do Leste, hoje, perturba-o?

Não me perturba. Dói-me.

Que acabou a Leste, o martírio ou a loucura?

Não acabaram. Principiaram.

Como assim?

Vigora a lei da selva. Repare na extradição de Honecker: viola todas as leis, todos os direitos humanos, todo o sentido de dignidade. Uma vergonha. Repare que todos os valores são expulsos ou emigram. Não é um país: é uma loja em saldos.

E para trás, não houve nada de errado?

Sim. Mas para trás também houve, desde 1917, guerras, guerras e guerras, a economia constantemente destruída. Quantas vezes se recomeçou do zero? Tudo isso deixa marcas.

Para um homem que sofreu a Censura – como Mário Castrim a sofreu –, qualquer regime que coarte a liberdade de expressão não será um terror?

Sem dúvida. Mas, em tempo de guerra, todos os países impõem a Censura. A URSS viveu durante setenta anos em regime de "guerra". Era um país sitiado. Isto pode não justificar tudo, mas ajuda a compreender alguma coisa.

Ideologicamente é um homem amargo ou amargurado?

Amargurado? Não. Procuo ser historicamente realista. A História é como uma casa com escadas: descemos, subimos. Só que podemos sempre acrescentar uns degraus, não podemos subtraí-los. Íamos cair na Pré-História. Não acredito.

Sente que alguma vez tenha sido precipitado ou insensato a julgar os outros?

Terei sido. Aí terei muitos pecados veniais. Alguns mortais, sei lá. Mas agora não me lembro de nenhum.

Como fica um homem depois de ter passado uma vida em frente de um televisor para fazer crítica?

Fica doente, infeliz, chalupa, cadastrado, diminuído, esgotado, esmagado, triturado – mas de bem com a sua consciência pessoal e social. Talvez eu merecesse outra televisão. Talvez a televisão merecesse outro crítico. Sou como o bicho-da-seda: desfiz-me para me realizar.

Foi, como tantos outros, a consciência de muita gente...

Sem dúvida. De muitos cidadãos que sonhavam com uma televisão à altura das carências deste país.

Sonhavam só com uma televisão?

Não. Com um futuro, uma alma, uma razão para continuar vivo.

Regressando *A Caminho de Fátima*, que outros caminhos literários?

Muitos, muitos. Uns na gaveta, outros a abrir caminho dentro de mim.

Porquê alguns na gaveta?

Os livros, como o pão e como o vinho, precisam de tempo para levedar e para assentar.

***A Caminho de Fátima* tem o "condão" – ou o "milagre", se preferir – de tocar todas as idades. É o Mário Castrim a sair dos contos infantis para unir, para despertar todas as gerações?**

Não escrevo para ninguém em especial. Depois de escrever, cada livro toma o seu rumo. As *Histórias com Juízo*, por exemplo, não foram escritas para crianças.

Seria bom que os adultos soubessem ler livros infantis?

Claro! Ficariam mais completos.

Sem esforço, sem rebiques, *A Caminho de Fátima* é, além do mais, uma lição de português. Como vai a nossa língua?

Vai mal. Na televisão, por exemplo, os crimes são constantes. É uma língua aldrabada, violada, mas, pior que tudo, uma língua desprezada. Na televisão portuguesa, a língua portuguesa é uma aguadeira.

Corremos o risco de ficar a falar brasileiro?

Não. As realidades são diferentes. Mas tomaram os nossos guionistas escrever tão bem como os brasileiros. Mais grave são as séries americanas, drogas que devem ser postas ao nível da cocaína e da heroína.

Tudo o mais é imaculado ou inocente?

Claro que não. Se me refiro a elas em especial é porque têm uma presença

obsessiva. Vemos americano. Ouvimos americano, pensamos, sentimos, sonhamos americano. Vemos na RTP mais vezes Bush do que Mário Soares, mais vezes a bandeira das listas do que a bandeira das quinas.

Mas a nossa integração é na Comunidade Europeia...

Estamos casados com Bruxelas mas transamos, de facto, com a Virgínia e a Florida. É como se a RTP nos quisesse fazer crer que uma casa portuguesa é uma Casa Branca, com certeza...

Ainda a propósito de droga e equivalentes: os americanos têm as costas largas?...

Não acuso só os americanos. Vejamos o que acontece com os programas infantis produzidos no Japão. São de péssima qualidade; erva daninha que a RTP cultiva com tanto desvelo.

Qual o maior flagelo do mundo atual?

A desorientação, mãe de todos os abismos.

Que rumo tomar?

Conquistar um novo equilíbrio. Aquele em que o homem seja, de facto, o centro da Terra.

Algum perigo iminente?

O capitalismo caminha a passos gigantescos para uma desagregação. É um animal ferido. E as feras feridas são capazes de tudo.

Onde vivem o amor, a tolerância e a justiça?

Na esperança que temos neles.